



PROBLEMAS DE DISTÂNCIA TEMPORAL E CULTURAL EM TORNO DE UMA TRADUÇÃO ANOTADA DE ESAÚ E JACÓ PARA O ESPANHOL

PROBLEMS OF TEMPORAL AND CULTURAL DISTANCE AROUND AN ANNOTATED TRANSLATION OF ESAÚ E JACÓ INTO SPANISH

Pablo Cardellino Soto*

RESUMO

Traduzir textos temporal e culturalmente distantes apresenta problemas específicos dessa condição. Neste artigo discuto, através da análise de problemas retirados da elaboração de uma tradução anotada de Esaú e Jacó e do comentário de duas traduções da mesma obra publicadas em espanhol, uma em 1905 e a outra em 2008, especificidades do eixo temporal e especificidades do eixo cultural, que podem se sobrepor ou não, contrapondo experiências de leitura possíveis do texto fonte e da tradução ao longo do tempo. As notas são discutidas como ferramenta possível na tentativa de modulação dessas distâncias pelo tradutor numa abordagem qualitativa. No horizonte não está a reconstrução da experiência de sujeitos históricos, e sim a prática da inferência dessas potencialidades do texto pelo tradutor para informar tomadas de decisão. Em que pese a subjetividade inerente ao processo, é possível produzir essas análises a partir de critérios éticos que permitam ao tradutor confiar no potencial da tradução.

Palavras-chave: tradução; Machado de Assis; distância.

ABSTRACT

Translating texts that are temporal and culturally distant presents problems specific to this condition. In this article, by means of an analysis of problems taken from the preparation of an annotated translation of Esaú e Jacó, and from the comments regarding two translations of the same work

* Doutor em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. Professor adjunto da Universidade de Brasília.
 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7155-775X>

published in Spanish, one in 1905 and the other in 2008, I discuss specificities of the temporal axis and specificities of the cultural axis, which may or may not overlap, and contrast possible reading experiences of the source text and of the translations over time. The notes are discussed as a possible tool, as the translator attempts to modulate these distances by means of a qualitative approach. The horizon does not include reconstructing the experience of historical subjects, but the practice of inferring these potentialities of the text, by the translator; to inform the decision-making process. Despite the subjectivity inherent to the process, it is possible to produce these analyses based on ethical criteria which will allow the translator to trust the potential of the translation.

Keywords: *translation; Machado de Assis; distance.*

1 INTRODUÇÃO

A tradução de textos de Machado de Assis para o espanhol, campo de referência deste trabalho, impõe algumas condições que o tradutor precisa observar. Machado não é um autor qualquer, não apenas por ser o fundador de uma literatura, em cujo sistema também ocupa o lugar central, como pela ingente fortuna crítica e tradutória a que fez jus ao longo dos anos e dão testemunho de sua importância.¹ Tal volume de material fala da complexidade de sua obra, que continua demandando esforços de crítica e pesquisa mais de um século depois de produzida. Porém, se a crítica fornece subsídios para a leitura e a tradução, o tempo decorrido para torná-la possível se torna, em si mesmo, um problema: nesse período a língua mudou, os costumes mudaram, a vida mudou, a própria crítica mudou,² e a vivência dos leitores a quem Machado se dirigia em primeiro lugar, seus contemporâneos, já não é possível. A tradução não poderia, portanto, se furta às condições impostas pela distância temporal entre o momento de sua produção e aquele em que Machado produziu o texto fonte.

Além da distância temporal, na tradução se manifesta a distância cultural entre o espaço de circulação do texto fonte e o seu próprio. É evidente que há uma relação íntima entre tempo e cultura, pois a cultura evolui ao longo do tempo, e se um dos fatores de evolução é a mudança de hábitos ensejada pelas inovações técnicas, as diferenças culturais são enormes com o século XX, época de profundas transformações, de permeio. No entanto, para fins desta análise os considero em sua especificidade: como distância temporal considero a variação entre dois momentos, e como distância cultural a variação entre dois povos – aquele do texto fonte e aquele do texto traduzido. Cruzando-se as duas variáveis, há, assim, quatro combinações possíveis e, portanto, quatro tipos de leitores:

¹ Numerosas bibliografias críticas sobre Machado de Assis foram compiladas. Uma muito completa está disponível em Fenske, 2014. Dentre os trabalhos mais influentes na crítica específica sobre *Esau e Jacó* destacam-se a análise de Affonso Romano de Sant'Anna (SANT'ANNA, 1979) e a de John Gledson (GLEDSON, 2003).

² A respeito, é muito significativa a observação de Paulo Franchetti, que observa, em uma criteriosa (e concisa, a julgar pelo volume geral, mas ainda assim bastante extensa) revisão da fortuna crítica machadiana, que *Esau e Jacó* foi o romance de Machado de melhor recepção em seu próprio tempo (2020, p. 58), mas que essa apreciação não se sustentou durante o século XX (p. 60). Seja como for, ainda segundo Franchetti, uma das linhas críticas, encabeçada por Gledson, indaga, precisamente, o intuito representacional da obra machadiana (*id.*, *ibid.*), tendo na realidade de seu próprio tempo uma chave de leitura.

Quadro 1 – Correlações entre tempo e cultura

	Cultura fonte	Cultura da tradução
Tempo do texto fonte	Leitores do mesmo tempo e da mesma cultura	Leitores do mesmo tempo e de outra cultura
Tempo da tradução	Leitores de outro tempo e da mesma cultura	Leitores de outro tempo e de outra cultura

Fonte: elaboração própria.

Essa esquematização certamente não permite descrever a complexidade de leitores da obra machadiana, pois a própria cultura está longe de ser monolítica dentro de um espaço mais ou menos delimitado, e os limites do tempo são difusos: o universo dos leitores é heterogêneo. No entanto, ela permite perceber que há uma distância temporal entre um leitor do texto fonte contemporâneo da sua produção e um posterior, e há uma distância cultural entre o leitor de uma tradução em relação à cultura do texto fonte. No caso do leitor estrangeiro (também pertencente a uma cultura heterogênea) de uma tradução atual de um texto de Machado de Assis, há duas distâncias sobrepostas: a cultural e a temporal.

Explicado de outro modo, a partir de *Esau e Jacó*, romance publicado em 1904 – cujo enredo transcorre, grosso modo, nas 4 décadas anteriores, com alusão a inúmeros fatos históricos acontecidos no período, tais como a Lei Áurea e a Proclamação da República –, pode-se dizer que o leitor brasileiro atual do texto machadiano tem uma percepção dele que será, em função do tempo transcorrido, essencialmente diferente daquela de um leitor contemporâneo de Machado. Por outro lado, um leitor argentino contemporâneo de Machado que tenha lido uma tradução do romance como a publicada por *La Nación* em 1905 (MACHADO DE ASSIS, 1905), teria uma distância cultural que incidiria também em sua leitura. Porém, a distância cultural é, dentro dos limites que estamos considerando, essencialmente diferente da distância temporal, e podemos supor que esse leitor contemporâneo de Machado teria em comum com o leitor brasileiro que estaria lendo *Esau e Jacó* na mesma época coisas que para o leitor atual, mesmo brasileiro, podem ser estranhas. E o leitor estrangeiro atual da tradução soma ambas as distâncias.

Lúcia Granja (2009a, 2009b) e John Gledson (2018) observam a importância de se observar o contexto histórico, político, social e, em resumo, jornalístico da época para ler hoje as crônicas de Machado, uma vez que os leitores das crônicas eram leitores dos jornais onde as crônicas eram publicadas. Da mesma maneira os leitores contemporâneos e conterrâneos de Machado dispunham, para a leitura da ficção, de acesso muito mais imediato ao contexto sociocultural retratado nas obras. Neste artigo busco analisar as notas como recurso disponível a fim de modular as distâncias que incidem especificamente na tradução, numa pesquisa de abordagem qualitativa desenvolvida no contexto de elaboração de uma tradução de *Esau e Jacó* para o espanhol e da análise de duas outras traduções, detalhadas adiante.

Nos estudos da tradução há diversas propostas metodológicas para abordar essas distâncias, e não são raras as contribuições que oscilam entre os dois extremos propostos há duzentos anos por Schleiermacher, seja através do recurso às notas ou não.³ O fato é que mesmo adotando a proposta *ética* de tradução da letra, de Berman – em cujo âmago reside, precisamente, a acolhida ao estrangeiro (BERMAN, 2013), que em um de seus aspectos é possível entender como o distante –, a distância é, muitas vezes, irreduzível, uma vez que as informações em jogo variam de um leitor para outro, no espaço ou no tempo. Ora, as informações em jogo fazem parte do texto.

³ Uma compilação de numerosas contribuições teóricas sobre notas pode ser encontrada em Cardellino, 2017.

2 DISCUSSÃO

A discussão que inicia deriva de anotações pessoais feitas durante a tradução de *Esau e Jacó*, romance publicado inicialmente em 1904 pela Garnier, no Rio de Janeiro. As anotações constituem um registro de observações sobre o texto e de informações levantadas como possibilidades de anotação numa eventual edição futura. Algumas delas foram selecionadas de forma qualitativa em função de seu potencial para ilustrar o assunto em pauta.

Por exemplo, na “Advertência” que prefacia *Esau e Jacó*, o narrador diz: “Nos lazeres do ofício, [o Conselheiro Aires] escreveu o Memorial, que, aparado das páginas mortas ou escuras, apenas daria (e talvez dê) para matar o tempo da barca de Petrópolis.” Um leitor carioca atual, com justiça poderia se perguntar: “Como assim, ‘a barca de Petrópolis’?”⁴ O fato é que, na atualidade, a viagem para Petrópolis é feita por terra, uma vez que Petrópolis fica na região serrana. A informação que falta é que, na época, as viagens de carruagem puxada por cavalos contornando a baía de Guanabara e os manguezais circundantes eram longas e acidentadas. Em função disso, desde 1855 a baía era atravessada de barca, saindo do trapiche da Prainha, que ficava na atual praça Mauá, agora em plena terra firme. A viagem continuava pela estrada de ferro até o sopé da serra e a subida era feita em carruagem ou a cavalo. Era uma viagem muito mais breve e charmosa, e muito menos cansativa. Tudo isso estava no imaginário dos leitores da época de Machado,⁵ que compartilhavam também a percepção de Petrópolis como um local de veraneio para a classe mais abastada. Um leitor distante, naquela época ou hoje, sem ter o conhecimento da localização de Petrópolis pode passar ao largo do estranhamento, mas também do imaginário, e, portanto, de aspectos narrativos como a reafirmação da classe social que está sendo retratada.

Naturalmente, esses aspectos narrativos não se resumem a duas ou três menções: pelo contrário, têm presença constante no romance. Assim, a perda pode ser menos significativa e o narrador dará ao leitor outras oportunidades de construir seu próprio imaginário. No entanto, não deixa de chamar a atenção que isto esteja no prefácio narrativo, já espaço da ficção,⁶ logo no início do romance. Outra menção alusiva à classe social é a do Conselheiro Aires: embora um leitor atual, mesmo brasileiro, imagine que “Conselheiro” é apenas uma denominação honorífica ou de ocupante de uma cadeira em um conselho, não é de domínio geral o fato de se tratar também de um cargo específico da diplomacia brasileira, como indica a entrada no dicionário (HOUAISS, 2001), e, embora o narrador do prefácio mencione que ele era diplomata, a relação entre o título e a carreira, apresentada logo no início do romance, pode se perder. Com efeito, nessas perdas de informação, a identificação de aspectos situacionais da narrativa tende a ser mais lenta para leitores de outra época e outro lugar, e o romance se distancia também, nessa distância, de suas características locais, de sua matéria histórica, como se a narrativa acontecesse em um espaço inteiramente ficcional.

Se faltassem elementos para evidenciar o uso que Machado faz dos espaços para compor a narrativa, e a possibilidade de uma maior dificuldade do leitor para identificar os aspectos ideológicos dessa topografia, bastaria iniciar o Capítulo I, poucas linhas depois:

⁴ Não se trata, realmente, de uma especulação, como se pode apreciar nesta publicação no Facebook: Imagem 1. Fonte: Bairro de Vista Alegre - Rio de Janeiro/RJ – Brasil. (Página). Facebook, 16 nov. 2012. Disponível em: <https://m.facebook.com/BairroVistaAlegreRJ/posts/172013702942496/>

⁵ Muito embora desde 1893 – ou seja, pouco tempo após o tempo da narrativa – a estrada de ferro chegasse, efetivamente, até Petrópolis.

⁶ Segundo Augusto Meyer, há no prefácio “tanta ou mais ficção que no próprio texto do romance” (MEYER, 1982, p. 358). Ao mesmo tempo, o crítico também indica que o prefácio fornece inclusive uma das chaves interpretativas do romance, “*Ab ovo*” (p. 361), num viés metaliterário. Consoante com isso, Angelo Cintra pontua que o prefácio persegue a finalidade de “desnudar ludicamente o processo de montagem da ‘ilusão realista’ na ficção romanesca” (CINTRA, 1989, p. 17).

Coisas futuras!

Era a primeira vez que as duas iam ao Morro do Castelo. Começaram de subir pelo lado da Rua do Carmo. Muita gente há no Rio de Janeiro que nunca lá foi, muita haverá morrido, muita mais nascerá e morrerá sem lá pôr os pés. Nem todos podem dizer que conhecem uma cidade inteira. Um velho inglês, que aliás andara terras e terras, confiava-me há muitos anos em Londres que de Londres só conhecia bem o seu clube, e era o que lhe bastava da metrópole e do mundo. Natividade e Perpétua conheciam outras partes, além de Botafogo, mas o Morro do Castelo, por mais que ouvissem falar dele e da cabocla que lá reinava em 1871, era-lhes tão estranho e remoto como o clube.

A cidade do Rio de Janeiro foi fundada no Morro do Castelo, que foi arrasado definitivamente em 1922, mas ficava no centro, entre a atual Av. Rio Branco e a Baía de Guanabara. Local de fortes, mosteiros e prédios da administração pública, na época dessa passagem narrativa, 1871, era local de numerosos cortiços. “Muita gente”, como diz o narrador,⁷ não tinha posto nem poria nunca lá os pés porque não era um lugar de prestígio. Perpétua e Natividade, como senhoras de sociedade, nunca tinham ido, assim como não tinham ido a um clube, espaço masculino de confraternização, esporte e negócios. Embora elas conhecessem outros lugares, o ponto de referência de seu universo, oferecido pelo narrador, é Botafogo, bairro de pessoas abastadas na época da narrativa. Todas essas informações podem ser mais ou menos obscuras para um leitor atual, mesmo carioca. E nenhuma delas, assim como as do prefácio, é essencial para os fatos narrados, mas sim para a rapidíssima pintura do espaço social da narrativa simbolizado no uso que Machado faz do espaço geográfico. A construção desse espaço será muito mais problemática para quem não estiver de posse dessas informações.

Há inúmeros exemplos em que a distância temporal pode dificultar a compreensão do texto por um leitor brasileiro atual. Um deles é o valor das coisas: Natividade paga 50 mil-réis para a cabocla do Castelo pela predição, e dá dois mil-réis para o irmão das almas como esmola. Isso é muito ou pouco dinheiro? A narrativa deixa claro que dois mil-réis de esmola são muito, mas muito quanto? O que se poderia comprar em 1871 com isso? O irmão das almas guardou a esmola para si, e reaparecerá com nome próprio, Nóbrega, 20 anos depois, tendo amealhado uma fortuna a partir desses dois mil-réis por meio da especulação financeira – aliás, a mesma forma de enriquecimento que Santos, também de origem modesta, durante a febre das ações de 1855. Assim, a percepção da prosperidade, que é dada por outros meios, já inicia nessas menções de somas: o valor de um mil-réis em 1864 pode ser estabelecido em algo em torno de 1,43 g de ouro,⁸ ou seja R\$ 473,00 na cotação atual. Assim, os dois mil-réis doados por Natividade para as almas seriam cerca de R\$ 1.000,00 e os 50 mil-réis pagos à cabocla, que eram 5 vezes o valor habitual, teriam um valor de quase R\$ 25.000,00. Hoje precisamos pesquisar para estabelecer esses valores de referência, e poucos leitores fazem isso: apenas entendem que se trata de valores importantes.

⁷ É conhecida a história da demolição do Morro do Castelo em 1922, e pode parecer assombrosa a predição de Machado quase 20 anos antes, na época da redação do romance. No entanto, a perspectiva de arrasamento estava no imaginário carioca desde muitos anos antes de 1859 (JORNAL DO COMMERCIO, 1859, p. 1) e a primeira fase efetiva foi concluída em 1905. Em 1903, quando Machado concluiu a redação do romance (SILVA, 2019), o início iminente da demolição e a lenda sobre a existência de um grande tesouro jesuíta escondido nele agitavam a vida da cidade. Note-se que, ainda que esta “predição” seja dada de forma sutil, disfarçada de senso comum, não é a única vez que o narrador olha para o futuro: no capítulo IX, ao falar do desejo de Santos pelo palácio Nova Friburgo, faz alusão a “os altos destinos que o palácio viria a ter na República”.

⁸ A Lei 59 de 1833 fixa esse valor do mil-réis em ouro, e Lobo *et al.* (1971) mostram que a cotação internacional do mil-réis continuava a mesma até 1864.

Leitores da época de Machado, acostumados a conhecer valores em mil-réis, podiam visualizar estas quantias, e, por tabela, os simbolismos que carregam, inclusive a riqueza de Natividade.

Outro exemplo é o do voltarete, que é jogado com baralho inglês de quarenta cartas.⁹ Em espanhol, o nome do jogo é “tresillo”, muito embora este seja jogado com baralho espanhol. Trata-se de um jogo da moda na época de Machado, tanto no mundo hispânico quanto no lusófono, portanto todas as menções e lances – e seus valores relativos – ficariam mais claros para o leitor contemporâneo de Machado do que para o atual. Mas há um problema de tradução: é curioso que os naipes do baralho inglês tomem em português os nomes dos naipes do baralho espanhol. Assim, o naipe em forma de coração chama-se “copas”, isto é, “taças”, que é o objeto desenhado no naipe do baralho espanhol. Uma vez que o voltarete joga-se com baralho inglês, quando Santos diz para Aires que “A perfeição é copas”, frase que faz alusão a uma circunstância muito desejável no jogo e, por sinédoque, representa um convite a uma partida, fica a dúvida de como chamar o naipe: “corazones”, que corresponde ao nome que ele tem em espanhol no baralho inglês, ou “copas”, que corresponde ao nome no baralho espanhol? Para manter a referência ao baralho, e, portanto, à versão local do jogo, é possível se referir ao naipe do baralho inglês como em espanhol: “corazones”; para manter a verossimilhança e a coerência com o nome do jogo na tradução, “tresillo”, convém se referir ao naipe próprio do baralho espanhol: “copas”. Aqui há um ponto de inflexão importante: se o leitor da tradução fosse o contemporâneo de Machado, a verossimilhança seria o critério preferido, pois seria mais provável que esse leitor conhecesse o “tresillo” e, nesse caso, estranhasse a menção aos “corazones”; para o leitor atual, no entanto, por ser menos provável que o conheça pois a incidência do jogo diminuiu muito a partir do primeiro quartel do século xx, a verossimilhança é menos relevante, e pode-se manter a alusão ao baralho usado na cultura de partida. Cabe dizer que o “tresillo” é ainda jogado no mundo hispânico, mas sua difusão atual é incomparavelmente menor que a que tinha na época de Machado. O Corpus del Español permite inferir a incidência. No histórico (“Genre/Historical”), há 89 menções no século xix e apenas 5 no século xx. Esse *corpus* tem 100 milhões de palavras. No atual (“Now”), que tem 7 bilhões de palavras, ou seja, que é setenta vezes maior que o histórico, aparecem 76 menções: *grosso modo*, uma a cada 100 milhões, que é o tamanho do *corpus* histórico. Ou seja, no século xix, o termo aparecia 90 vezes a mais que na atualidade, que é o que nos permite inferir a incidência muito menor do termo e, portanto, do jogo. No entanto, a menção ao jogo não está isolada. O capítulo LXVI intitula-se “O basto e a espadilha”, uma alusão aos ases de paus e espadas, representados no naipe inglês, respectivamente, pelo trevo e o pique, que simbolizam a crise política da Proclamação da República e tornam o jogo do voltarete uma alegoria do modo em que a elite financeira a enfrentava. Portanto, a questão dos nomes dos naipes do baralho se torna mais importante para a letra do que o baralho utilizado em si, ainda que a realidade social seja o cerne da identidade do texto e, portanto, também para a letra.

Para concluir estes exemplos, vou mencionar mais um caso em que Machado escolhe um termo com tamanha precisão que consegue efeitos de sentido múltiplos.

O exemplo acontece em um contexto em que Batista e Dona Cláudia, pais de Flora, voltaram da província, pois Batista perdeu a presidência devido a um escândalo de corrupção em que ele se envolveu com o irmão de Dona Cláudia, circunstância na qual Natividade pondera que não valia a pena terem saído da Corte. Discordando de Natividade sobre a vida na província, na exposição de Dona Cláudia a respeito, escrita em discurso indireto livre, ela se coloca como partícipe e protagonista das disputas de poder. No entanto, ela é mulher, só pode viver isso através do marido, e

⁹ Ou seja, o baralho inglês normal de 54 cartas expurgado das cartas de oito, nove, dez e coringas.

é assim que ela participa, ofendendo e sendo ofendida. Essa ambivalência é permitida por um chamativo termo escolhido por Machado:

E D. Claudia afirmou que valia. Sofre-se, mas paciência. Era tão bom chegar á província ! Tudo anunciado, as visitas a bordo, o desembarque, a posse, os cumprimentos... Ver a magistratura, o funcionalismo, a officialidade, muita calva, muito cabello branco, a flor da terra, emfim, com as suas cortezias longas e demoradas, todas em angulo ou em curva, e os louvores impressos. As mesmas descomposturas da opposição eram agradáveis. Ouvir chamar tyranno ao marido, que ella sabia ter um coração de pomba, ia bem á alma della. A sede de sangue que se lhe attribuia, elle que nem bebia vinho, o guante de ferro de um homem que era uma luva de pellica, a immoralidade, a desfaçatez, a falta de brio, todos os nomes injustos, mas fortes, que ella gostava de ler, como verdades eternas, onde iam elles agora? A folha da opposição era a primeira que D. Claudia lia em palácio. Sentia-se vergastada também e tinha nisso uma grande volúpia, como si fosse na própria pelle; almoçava melhor. Onde iam os lategos daquelle tempo? Agora mal podia ler o nome delle impresso no fim de algumas razões do foro, ou então na lista das pessoas que iam visitar o imperador (MACHADO DE ASSIS, 1904, p. 99).

Uma “vergastada” é um golpe desferido com o vergalho, e é este o único sentido que tem a entrada no dicionário (HOUAISS, 2001), mas também é o particípio passivo de “vergastar”, ou seja, sofrer golpes de vergalho, que também tem entrada no dicionário. É preciso perceber que o vergalho é um chicote feito com um membro genital seco de touro ou cavalo. Para entender bem a situação: trata-se da mulher de um político que vive a carreira do marido como se fosse própria e participa de forma ativa, propiciando inclusive negócios escusos do marido com o irmão dela. Uma mulher que sente prazer em estar em meio a disputas violentas pelo poder, e sente prazer até de ler os insultos ao marido, injustos porque é um homem manso, “coração de pomba”, “luva de pelica”, acusado de ser “tirano” ou “guante de armadura”. No discurso, vemos que ela explica para Natividade que ele também não era imoral, nem descarado e que tinha brios. O que seria verdade nessas declarações de Dona Cláudia? Note-se que ela gostava de ler as acusações, e sentia as agressões como dirigidas a ela. Pode haver um símbolo mais forte da autoridade e do poder selvagem das disputas de poder masculinas numa sociedade patriarcal do que o vergalho? E ao ler, nesse contexto, que ela sentia que estava sendo vergastada, e supondo que também possamos ler que ela própria era uma vergastada, ou seja, que ela feria e era ferida, o que precisamos questionar é qual dos dois, nesse casal, é a parte ativa, que sente prazer na disputa política: o coração de pomba ou a aquela que fere e é ferida, e vive isso com volúpia?

A complexidade de sentidos explode na palavra “vergastada”, e se o tradutor desejar preservar a ambiguidade potencial e a força simbólica, precisará procurar um termo que seja substantivo e adjetivo ao mesmo tempo, para ela se sentir açoite e açoitada. É possível considerar “antuviada” e “mangonada”, mas a primeira é um golpe dado antecipando outro, e o segundo com o braço (manga); como, em seguida, ela fala de lategos, não servem também. Pode-se buscar uma textualização alternativa, como manter a raiz “verg-”, por sua carga simbólica, usando não uma construção pronominal, mas transitiva: em vez de se sentir “vergastada”, ela “siente el vergajo”, ou seja, “sente os golpes do vergalho” e “mede a força do próprio vergalho”, preparando os golpes.

A questão temporal relevante nessa passagem é o fato de uma mulher precisar viver a política nos bastidores, algo que na década de 1880 era provavelmente a única opção. Assim, talvez se possa conjecturar que os leitores contemporâneos de Machado deviam perceber uma passagem assim de forma muito mais intensa, por compartilhar dos valores da época. Hoje é necessário um

exercício de percepção da alteridade, dos valores de outro tempo. No entanto, o esforço tradutório consciente pode contribuir para a oferta de multiplicidade de sentidos ao leitor estrangeiro.

3 DUAS TRADUÇÕES COM UM SÉCULO DE PERMEIO

Creio que os exemplos mostrados ilustram de forma clara aspectos relevantes dos leitores de Machado distantes no tempo e na cultura. Dá-se a circunstância de que existem duas traduções do romance para o espanhol: a primeira, sem identificação do tradutor, foi publicada em dois pequenos tomos e distribuída junto com o jornal *La Nación*, em Buenos Aires, em 1905. Foi, portanto, uma das duas traduções de sua obra que Machado viu serem publicadas em vida.¹⁰ A segunda, de 2008, assinada por María Eugenia Llosa¹¹ e Violeta Romero, foi publicada em Santiago pelo Fondo de Cultura Económica, com o patrocínio da Embaixada do Brasil no Chile no contexto dos 100 anos do falecimento de Machado.

1905

Os dois tomos da edição de 1905 correspondem aos volumes 186 e 187 dos 872 que saíram pela Biblioteca de “La Nación”, uma coleção popular, muito econômica, distribuída por assinatura, que tinha fundamentalmente clássicos como Cervantes, Shakespeare, Goethe e Conan Doyle: 80% do que publicava eram traduções, e o tradutor estrela era Arturo Costa Álvarez, que traduziu, entre centenas de outras, “as três” (*sic*) obras brasileiras que se apresentam na coleção: *Inocência*, do Visconde de Taunay, *O mulato*, de Aluizio Azevedo, e *O guarani*, de José Alencar (CLARÍN, 2012).¹² Percebe-se a importância da coleção na formação de leitores e na apresentação de um cânone ocidental, e é nesse contexto que *Esau e Jacó* é publicado em tradução anônima.

O tradutor, por sua vez, fez algumas escolhas dignas de menção. Por exemplo, a barca de Petrópolis foi omitida: “para matar el tiempo en el viaje á Petrópolis” (MACHADO DE ASSIS, 1905, p. 6); a “cabocla” do morro do Castelo é na tradução a “indiecita”, a “índia” e, mais à frente, a “mulata”; os nomes próprios são traduzidos, como era habitual à época: “Natividad”, “Pablo”, “cerro del Castillo”...; o naipe de “copas” é “copas”, como no baralho espanhol, mas o jogo é o “hombre”, jogo espanhol do século xvii, que se manteve de moda durante mais de um século e foi o primeiro de uma série que derivou no voltarete e o “tresillo”, além do *whist*, do solo e de muitos outros, e inclui um esclarecimento e aspas no nome porque o jogo hombre já não era conhecido: “Era una invitación á jugar a la baraja, al ‘hombre’.”; os “mil-réis” são “mil reis” e os “tostões”, “tostones”.

Quanto ao texto, trata-se de uma tradução muito fluente, escrita com registro culto em linguagem da época, que também revela seu processo de edição. Valha de exemplo o fragmento já citado do capítulo xxx:

¹⁰ A primeira foi das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, publicada em folhetim em 1902 pelo jornal *La Razón*, de Montevideú.

¹¹ Agradeço a María Eugenia Llosa o envio de um exemplar da sua tradução.

¹² Não é possível inferir, no entanto, que *Esau e Jacó* tenha sido traduzido por ele também, muito embora o autor se refira a essas três como as únicas obras brasileiras da coleção – sem menção a *Esau e Jacó*, portanto. Com efeito, é dito que os tradutores eram habitualmente creditados, também que eles produziam paratextos e exerciam uma atividade crítica oferecendo pautas para a leitura, e que Costa Álvarez costumava anotar as traduções: *Esau e Jacó* não apresenta nenhuma dessas três características.

E D. Claudia afirmou que valia. Soffre-se, mas paciência. Era tão bom chegar á província ! Tudo anunciado, as visitas a bordo, o desembarque, a posse, os cumprimentos... Ver a magistratura, o funcionalismo, a officialidade, muita calva, muito cabelo branco, a flor da terra, emfim, com as suas cortezias longas e demoradas, todas em angulo ou em curva, e os louvores impressos. As mesmas descomposturas da opposição eram agradáveis. Ouvir chamar tyranno ao marido, que ella sabia ter um coração de pomba, ia bem á alma della. A sede de sangue que se lhe attribuia, elle que nem bebia vinho, o guante de ferro de um homem que era uma luva de pellica, a immoralidade, a desfachatez, a falta de brio, todos os nomes injustos, mas fortes, que ella gostava de ler, como verdades eternas, onde iam elles agora? A folha da opposição era a primeira que D. Claudia lia em palácio. Sentia-se vergastada também e tinha nisso uma grande volúpia, como si fosse na própria pelle; almoçava melhor. Onde iam os lategos daquelle tempo ? Agora mal podia ler o nome delle impresso no fim de algumas razões do foro, ou então na lista das pessoas que iam visitar o imperador.

(MACHADO DE ASSIS, 1904, p. 99).

Y doña Claudia afirmó que valía la pena. ¡Era tan lindo llegar á provincias! Los anuncios, las visitas, abordó [sic], el desembarque, la toma de posesión, los cumplimientos... Ver á la magistratura, los funcionarios, la officialidad, mucha calva, mucho cabello blanco, casi en el suelo, con sus cortezias largas y lentas, todas en ángulo ó en curva, y las alabanzas impresas... Las mismas injurias de la oposición eran agradables. Oír llamar tirano al marido, á quien sabia de corazón de paloma, convenía á su espíritu. La sed de sangre que se le atribuía, á él que ni vino bebía, el puño de hierro de un hombre que era un guante de gamuza, la immoralidad, su desfachatez, su falta de bríos, todos los nombres injustos, pero fuertes, que ella gustaba de leer como verdades eternas, ¿dónde iban á parar entonces? El periódico de oposición era el primero que doña Claudia leía en palacio. Sentíase azotada también, y eso le producía un gran deleite, como si fuese en su propia piel: amorzaba [sic] mejor! ¿Dónde estaban los látigos de aquel tiempo?... Ya no podía leer el nombre de Baptista impreso al pie de las ordenanzas, ni siquiera en la lista de los que iban á visitar al emperador.

(MACHADO DE ASSIS, 1904, p. 105).

Nesse fragmento é possível observar vários momentos em que a busca do idiomatismo comanda as escolhas: “valía la pena”, “tan lindo”, “llegar á provincias”, “toma de posesión”, “a quien sabia de corazón de paloma”, “convenía a su espíritu”, “puño de hierro”, “los que iban”... Algumas expressões também refletem usos comuns no início do século xx que, no entanto, já não são, como “llegar á provincias”, “cumplimientos”, “guante de gamuza”, “ella gustaba de ler”. Alguns erros tipográficos dão testemunho do ritmo intenso de produção dessa coleção: “abordó” por “a bordo” e “amorzaba mejor!” por “¡almorzaba mejor!”. Por último, algumas escolhas assinalam também a falta de uma revisão mais criteriosa da tradução: ausência de tradução de “Soffre-se, mas paciência.”; “a flor da terra”, ou seja a elite local, traduzido como “casi en el suelo”; e “Agora mal podia ler o nome delle impresso no fim de algumas razões do foro, ou então na lista das pessoas que iam visitar o imperador” como “Ya no podia leer el nombre de Baptista impreso al pie de las ordenanzas, ni siquiera en la lista de los que iban á visitar al emperador”.

Note-se que essas escolhas que poderiam ter sido alteradas na revisão têm um deslocamento de sentido importante na tradução com respeito ao texto fonte. A alusão ao sofrimento é força retórica de expressão, haja vista o deleite, a volúpia com que D. Cláudia vivia a política da província. A tradução de “a flor da terra” antecipa a hipérbole de “em ângulo ou em curva”, e por ser mais direta e menos humorística modifica o estilo, conferindo-lhe uma ênfase que ele não tem.

A última altera o olhar de D. Cláudia sobre a situação deles, pois de uma avaliação com fins estratégicos, algo que ela deseja mudar, a pouca presença de Batista na política, na tradução ela simplesmente lamenta o que se perdeu.

Além da virtude de ter sido produzida em vida de Machado, esta tradução tem a inestimável importância de ter sido publicada em livro e em uma grande tiragem – a de Julio Piquet das *Memórias póstumas* tinha saído em folhetim e uma pequena tiragem em livro –, e ter, por isso, sobrevivido melhor ao tempo, pois ainda podem ser encontrados alguns exemplares em sebos. Também deve-se sublinhar a importância literária e na formação de leitores da coleção em que foi oferecida. Tais características estabelecem fortes liames entre a tradução e seu momento histórico de produção.

Para além da inserção histórica observada, a distância temporal inexistente e a distância cultural com respeito ao texto fonte se manifestam em escolhas como as assinaladas, representativas do todo.

2008

A tradução publicada pelo FCE e a Embaixada do Brasil no Chile é prefaciada por Jorge Edwards, premiado escritor chileno ligado ao *boom* latino-americano que publicou em 2002 um livro intitulado *Machado de Assis*, onde analisa e traduz textos do autor. O prefácio a *Esau e Jacó*, intitulado “El insuperable tono machadiano”, aborda o assunto a partir das *Memórias póstumas de Brás Cubas* primeiro, e do próprio *Esau e Jacó*, que comenta junto com o *Memorial de Aires*, depois. De certo modo não poderia haver um prefaciador mais apropriado que Edwards para a nova tradução de uma obra machadiana patrocinada pela embaixada, pois além de ele ser um intelectual chileno que divulgou a obra de Machado durante décadas, é um diplomata de carreira do seu país, tendo inclusive assumido a Embaixada Chilena na França dois anos depois, a partir de 2010. O renome de Edwards, nesse sentido, atua como contrapeso literário local de Machado de Assis, que um século após a sua morte ainda não tem entre o público leitor, fora do Brasil, uma projeção condizente com o reconhecimento pela crítica e a intelectualidade internacional.¹³ A importância do nome de Edwards, nesse sentido, fica evidente quando se observa sua presença na capa e na folha de rosto, e especialmente no próprio prólogo, citado na quarta-capa:

Aunque no lo sepamos o no hayamos tenido la oportunidad de saberlo, Joaquim Maria Machado de Assis es uno de los grandes de la novela iberoamericana. Es un gran precursor ignorado. Sin él, no sería posible un Guimarães Rosa, una Clarice Lispector, quizás más de algún otro en portugués o en español. Descubrirlo es una notable aventura intelectual y una fuente inagotable de placer literario (MACHADO DE ASSIS, 2008, p. 11).

No contexto de uma tal intenção de reconhecimento do autor, não deixa de ser curioso e até contraditório que na capa e na folha de rosto o nome do autor seja “Joaquín Machado de Assis”.

A visibilidade de Edwards não é dada às tradutoras María Eugenia Llosa e Violeta Romero, que aparecem apenas na página de créditos. Das duas há pouquíssima informação disponível na internet e em bibliotecas chilenas, como a Biblioteca Nacional de Chile ou a da Universidad de Chile: Violeta Romero traduziu um livro de poemas de João Cabral de Melo Neto, outro de Vinícius de Moraes e cotraduziu um ensaio de Cláudio da Costa Braga junto com María Eugenia Llosa,

¹³ A tiragem de apenas 2500 exemplares, informada no colofão, é prova da baixa expectativa de vendas.

que também traduziu a biografia de Lula escrita por Neide Guimarães Pinheiro Monteiro e um livro sobre gestão pública de Rogério Caiuby. Exceto este último, de 2014, esses textos foram traduzidos nos anos prévios a *Esau e Jacó*. Maria Eugenia Llosa é funcionária da Embaixada do Brasil no Chile, que patrocinou vários desses títulos. Não parece se tratar, portanto, de tradutoras profissionais, que tenham recebido do FCE o encargo da tradução em virtude de um extenso currículo, o que, de certo modo, explica a pouca visibilidade que têm no volume.

No entanto, é necessário atentar para a qualidade da tradução, que é muito trabalhada no critério idiomático e na atenção ao sentido, ainda que pudesse ser mais trabalhada em aspectos estilísticos:

O aposentado

Já então este ex-ministro estava aposentado. Regressou ao Rio de Janeiro, depois de um último olhar às cousas vistas, para aqui viver o resto dos seus dias. Podia fazê-lo em qualquer cidade, era homem de todos os climas, mas tinha particular amor à sua terra, e porventura estava cansado de outras. Não atribuía a esta tantas calamidades. A febre, amarela, por exemplo, à força de a desmentir lá fora, perdeu-lhe a fé, e cá dentro, quando via publicados alguns casos, estava já corrompido por aquele credo que atribue todas as moléstias a uma variedade de nomes. Talvez porque era homem sadio.

Não mudara inteiramente; era o mesmo ou quasi. Encalveceu mais, é certo, terá menos carnes, algumas rugas; ao cabo, uma velhice rija de sessenta annos. Os bigodes continuam a trazer as pontas finas e agudas. O passo é firme, o gesto grave, com aquelle toque de galanteria, que nunca perdeu. Na boteira, a mesma flor eterna.

Também a cidade não lhe pareceu que houvesse mudado muito. Achou algum movimento mais, alguma opera menos, cabeças brancas, pessoas defuntas; mas a velha cidade era a mesma. A própria casa delle no Cattete estava bem conservada. Ayres despediu o inquilino, tão polidamente como se recebesse o ministro dos negócios estrangeiros, e mettu-se nella a si e a um criado, por mais que a irmã teimasse em leval-o para Andarahy.

(MACHADO DE ASSIS, 1904, p. 98).

El jubilado

Ya para ese entonces, este ex ministro estaba jubilado. Retornó a Río de Janeiro, después de una última mirada a los recuerdos, para vivir aquí el resto de sus días. Podía hacerlo en cualquier ciudad, era hombre de todos los climas, pero tenía especial amor a su tierra, y eventualmente estaba cansado de otras. No atribuía a ésta tantas calamidades. A la fiebre amarilla, por ejemplo, de tanto negarla en el extranjero, le perdió la fe, y aquí, cuando veía publicados algunos casos, estaba ya corrompido por ese credo que atribuye a todas las molestias una variedad de nombres. Tal vez porque era un hombre saludable.

No cambió totalmente; era el mismo o casi. Se puso más calvo, es verdad, quizá menos carnes, algunas arrugas; al fin y al cabo, una vejez sólida de sesenta años. Los bigotes continuaban con sus puntas finas y agudas. El paso firme, el gesto grave, con aquel toque de galantería, que nunca perdió. En el ojal, la misma flor eterna.

Tampoco la ciudad le pareció haber cambiado mucho. Notó algún movimiento más, alguna ópera menos, cabezas blancas, personas difuntas; pero la vieja ciudad era la misma. Su propia casa en Catete estaba bien cuidada. Aires despedió al inquilino, tan educadamente como si recibiera al ministro de relaciones exteriores, y se instaló en ella, junto con un criado, por más que su hermana insistiera en llevarlo a Andarái.

(MACHADO DE ASSIS, 2008, p. 103).

A busca ativa pelo idiomatismo se percebe em escolhas como “los recuerdos” para “as cousas vistas”, “se puso más calvo” para “encalveceu”, “al fin y al cabo” para “ao cabo”, ou “se instaló en ella, junto com um criado” para “metteu-se nella a si e a um criado”, sem contar as muitas passagens em que a tradução literal também resulta em uma tradução idiomática em função da proximidade das línguas. Os sentidos, no geral, atêm-se ao texto fonte. Neste fragmento em particular, o único sentido questionável é o de “su propia casa”, e não uma expressão de valor concessivo, como “su misma casa” ou “hasta su casa” – passagem que, no entanto, não introduz instabilidade aos sentidos.

O estilo, aliás de forma coerente com tais tendências enobrecedoras e clarificadoras, é racionalizado em várias passagens. “A la fiebre amarilla [...] le perdió la fe” por “A febre amarella [...] perdeu-lhe a fé” implica o abandono do anacoluto, embora por ser também uma tradução idiomática não se perca a espontaneidade aparente e agilidade da passagem. O contraste de significantes em “lá fora” e “cá dentro” é abandonado com “en el extranjero” e “aquí”, embora a oposição de sentidos permaneça. A racionalização é notória no segundo parágrafo: a retórica de tempos verbais manifesta em “mudara”, “era”, “encalveceu”, “terá”, “continuum”, “é”, “perdeu” e várias elipses, inclusive a final, “na botoeira, a mesma flor eterna”, é traduzida com uma correlação padrão de tempos verbais da narrativa: “cambió”, “era”, “se puso”, “continuaban”, “perdió”. As elipses são mantidas.

O texto traduzido é, enfim, um bom texto em espanhol contemporâneo, que embora deixe no caminho alguns aspectos formais e possa ser questionado à luz da letra em sentido bermaniano e seja, portanto, menos capaz de oferecer aos leitores uma experiência de leitura estrangeira, é um notável avanço com respeito à experiência anterior nesse mesmo sentido. Prova disso é o generoso aparato de anotação, composto por cinquenta e uma notas assinadas pelas tradutoras, a maior parte delas informando referências culturais e intertextos, sem se furtar ao comentário, quando julgaram necessário, como nesta passagem, em que a voz das tradutoras se autoficcionaliza ao discutir conceitos vertidos por um personagem do espaço ficcional:¹⁴

– No importa; no olvidemos lo que decía un antiguo, que “la guerra es la madre de todas las cosas”. En mi opinión, Empédocles,²³ refiriéndose a la guerra, no lo hizo sólo en el sentido técnico. [...]

²³ N.T.: Aires comete un lapsus, atribuyendo a Empedocles lo que es de Heráclito, que dice textualmente (fragmento 53): “la guerra es el padre de todas las cosas, el rey de todas las cosas; de unos hace dioses; de otros, hombres; de unos, esclavos; de otros, hombres libres” (MACHADO DE ASSIS, 2008, p. 57).

Com tais qualidades, promovida institucionalmente pelo Estado brasileiro e graças ao selo de uma das mais importantes editoras hispânicas e ao renome local emprestado pelo prefaciador, essa tradução cumpre o papel expresso de homenagear Machado de Assis no centenário de sua morte e divulgar sua obra no exterior, reclamando para ele um lugar no cânone literário. Chama a atenção o fato de que após um século do seu falecimento Machado ainda precisasse de apresentação. Ficam claras, assim, várias condições históricas em torno da tradução de Llosa e Romero.

Para além da incongruência que significa a necessidade de apresentação com a importância de Machado no sistema literário brasileiro, o recurso às notas permite às tradutoras resolver vários

¹⁴ Um comentário sobre o estatuto autoral da tradução e as notas dos tradutores pode ser encontrado em Cardellino, 2013.

dos problemas de distância cultural e de distância temporal. Cabe dizer que as notas estão longe de ser exaustivas: personagens cuja função está clara na ficção não são, em alguns casos, objetos de anotação. Assim acontece, por exemplo, com Deodoro da Fonseca ou Floriano Peixoto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise e comparação de ambas as traduções permite não apenas observar escolhas dos tradutores relacionadas com o seu distanciamento, bem como o dos seus leitores imediatos, em relação ao âmbito de produção e circulação inicial do texto fonte, como também as diferentes características da sua tradução em relação à posição de Machado no sistema literário meta. Nesse sentido, é possível alinhar ambas às traduções ao pensamento bermaniano sobre retradução (BERMAN, 1990), pois se a primeira desempenhou originalmente o papel de revelar a obra para um novo âmbito linguístico, a segunda, como retradução, é uma nova leitura possível da obra em um novo tempo. Nesse sentido, ela oferece a possibilidade de novos processos linguísticos e tradutórios próprios do seu tempo e lugar, bem como das condições institucionais, históricas e de mercado que ela é chamada a desempenhar.

REFERÊNCIAS

- BERMAN, A. *A tradução e a letra ou O albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. 2. ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET, 2013. Edição fac-similar em PDF. Disponível em: <https://ppget.posgrad.ufsc.br/biblioteca-da-pget/biblioteca-digital-2/>. Acesso: 12 ago. 2020.
- BERMAN, A. La retraduction comme espace de la traduction. *Palimpsestes: Revue de traduction*, v. 4, p. 1-7, 1990. Versão fac-similar em PDF. Disponível em: <http://palimpsestes.revues.org/596>. Acesso: 11 jan. 2017.
- BRASIL. Lei nº. 59, de 8 de outubro de 1833. *Fixa o novo padrão monetário; estabelece um Banco de Circulação e depósito; autoriza o Governo a celebrar com particulares ou companhias contractos para a mineração dos terrenos da Nação; altera o imposto do selo e cria a taxa annual dos escravos*. Senado Federal: Atividade Legislativa: Legislação. Disponível em: <http://legis.senado.leg.br/norma/540955/publicacao/15774685>. Acesso em: 1 ago. 2020.
- CARDELLINO S. P. Estatuto autoral de la traducción: comentarios sobre notas del traductor en dos traducciones de “O Alienista”. *Belas Infieis*, v. 2, n. 1, p. 117-129, 2013.
- CARDELLINO S. P. *Notas do Tradutor em uma tradução comentada e anotada de Casa Velha, de Machado de Assis, para o espanhol*. Orientadora: Luana Ferreira de Freitas. Coorientador: Walter Carlos Costa. 2017. Tese (Doutorado em Estudos de Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- CASANOVA, P. *A república mundial das letras*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- CINTRA, I. A. O prefácio ficcional de *Esau e Jacó*. *Revista de Letras*, São Paulo, n. 29, p. 11-17, 1989.

- CLARÍN. *La biblioteca de La Nación*. 24 set. 2012. Buenos Aires. Disponível em https://www.clarin.com/rn/edicion-impresa/biblioteca-Nacion_0_Hys4_ynPXx.html. Acesso em: 10 ago. 2020.
- ECHEVARRÍA, R. G.; PUPO-WALKER, E.; HABERLY, D. Introduction to volume 3. In: ECHEVARRÍA, R. G.; PUPO-WALKER, E. (ed.). *The cambridge history of latin american literature*. Cambridge: Cambridge University Press, ([1996] 2008. v. 3, p. 1-10.
- FENSKE, E. K. Machado de Assis: fortuna crítica. *Templo Cultural Delfos*. 2014. Última atualização em 2021. Página Web. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2014/07/machado-de-assis-fortuna-critica.html>. Acesso: 7 set. 2021.
- FITZ, E. The reception of Machado de Assis and Clarice Lispector in the United States and beyond. *Gláuks: Revista de Letras e Artes, Viçosa*, v. 20, n. 2, p. 17-34, jul./dez. 2020.
- FRANCHETTI, P. Machado de Assis, *Esau e Jacó* e o Realismo. In: Machado de Assis. *Esau e Jacó*. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2020. p. 17-93.
- GLEDSON, J. Esau e Jacó. In: GLEDSON, J. *Machado de Assis: ficção e história*. 2. ed. revista e ampliada. Tradução de Sônia Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- GLEDSON, J. Introdução às notas. *Machadiana Eletrônica*, v. 1, n. 2, p. 15-22, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/machadiana/article/view/22885>. Acesso em: 5 set. 2021.
- GRANJA, L. Antes do livro, o jornal: Conto Alexandrino. *Luso-Brazilian Review*, v. 46, n. 1, 2009a. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/32212290/LBR.Granja2009.pdf>. Acesso: 5 set. 2021.
- GRANJA, L. Machado de Assis, jornalista: o homem, o texto, o tempo. *Olho d'Água*, São José do Rio Preto, v. 1, n. 2, p. 75-81, 2009b. Disponível em: <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/36/52>. Acesso: 5 set. 2021.
- HOUAISS, I. A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. [S.l.]: Objetiva, 2001. Software, v. 1.0.
- JORNAL DO COMMERCIO. A semana. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, ano xxxiv, n. 120, maio 1959. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_04&Pesq=arrazar&pagfis=14350. Acesso: 25 set. 2021.
- LOBO, E. M. L. *et al.* Evolução dos preços e do padrão de vida no Rio de Janeiro, 1820-1930. *Revista Brasileira de Economia*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, out./dez. 1971. Versão facsimilar em PDF. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rbe/article/viewFile/67/6249>. Acesso em: 1 ago. 2020.
- MACHADO DE ASSIS, J. *Esau y Jacob*. Tradução de María Eugenia Llosa & Violeta Romero. Santiago, Chile: Embajada de Brasil em Chile / Fondo de Cultura Económica, 2008. Prólogo de Jorge Edwards.
- MACHADO DE ASSIS. *Esau e Jacob*. Rio de Janeiro/Paris: H. Garnier, 1904. Versão fac-similar em PDF. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4763>. Acesso: 31 maio 2020.
- MACHADO DE ASSIS. *Esau y Jacob*. Buenos Aires: Biblioteca de La Nación, 1905. v. 186, t. 1.
- MACHADO DE ASSIS. *Esau y Jacob*. Buenos Aires: Biblioteca de La Nación, 1905. v. 187, t. 2.

MEYER, A. O romance machadiano: o homem subterrâneo. *In*: BOSI, A.; GARBUGLIO, J. C.; CURVELLO, M.; FACIOLI, V. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982. p. 357-363.

SANT'ANNA, A. R. de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

SCHLEIERMACHER, F. Sobre os diferentes métodos de tradução. Tradução de Celso R. Braida. *In*: HEIDERMANN, W. (org.). *Clássicos da Teoria da Tradução*. 2. ed., rev. e ampl. Antologia bilíngue. Florianópolis: UFSC/Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010. (Alemão-Português, v. 1). Edição fac-similar em PDF. Disponível em: <https://ppget.posgrad.ufsc.br/biblioteca-da-pget/biblioteca-digital-2/>. Acesso: 12 ago. 2020.

SILVA, A. C. S. da. Esaú e Jacob e memorial de Ayres: manuscritos que viajam. *Machado Assis em Linha*, São Paulo, v. 12, n. 26, jan./abr. 2019.